

GESTÃO DAS RELAÇÕES COLABORATIVAS NA ECONOMIA SOLIDÁRIA: CAMINHAR PELO QUE UNE SEM PERDER DE VISTA AQUILO QUE ME DIFERENCIA

Maristela Miranda Vieira de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)
Endereço eletrônico: maristelamvo@gmail.com

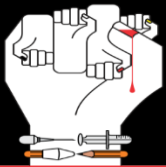
INTRODUÇÃO

A Economia Solidária é sustentada pela produção associada, onde a dinâmica de mobilização e avanço das organizações acontecem a partir do estar juntos, mantendo o vínculo de parceria, não somente dentro das associações e cooperativas, como também fora delas, no contexto do Movimento, criando uma rede de colaboração capaz de proteger e fortalecer as atividades econômicas que ali são gestadas. O caminhar coletivo acontece no equilíbrio das relações, de forma que as diferenças não venham superar a união, e que essa união se revele em um ambiente de reconhecimento e respeito pelas diferenças, consoante os princípios articuladores do Movimento. Observar essas condições, a partir das configurações subjetivas estudadas por Rey (2017), bem como pela teoria da complexidade (MORIN, 2015), cria possibilidades de análise para fins de planejamento e gestão das relações colaborativas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa teve a finalidade de entender como os aspectos da subjetividade de agentes econômicos, impactam as estratégias de gestão atualmente desenvolvidas por Incubadoras em grupos de produção associada. Para tanto, foi utilizado como método de procedimento o Estudo de Caso, realizado com um grupo de artesanato que esteve vinculado à Incubadora de Economia Solidária da UESB, entre os anos de 2008 a 2015. Assumindo o desafio de usar métodos objetivos para compreender realidades subjetivas, a pesquisa fez uso de instrumentos e ferramentas compatíveis com o nível de complexidade envolvido na proposta, possibilitando análises compartilhadas entre a visão técnica e racional, e o simbólico e abstrato. A entrevista narrativa e a elaboração de redes semânticas, tornaram-se instrumentos de coleta de dados coadjuvantes com o desafio proposto, tendo sido escolhidos por contribuírem para a representação do conhecimento, oferecendo diferentes possibilidades discursivas, numa estratégia de integração de dados quantitativos e qualitativos. Para tanto, buscou-se o estudo das

1502



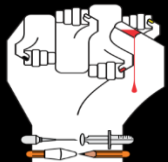
redes complexas (METZ, 2007), universo por onde transita a elaboração de redes semânticas, e a utilização da estratégia de mineração de dados, a partir das narrativas do grupo pesquisado, com vistas a analisar o processo comunicativo. Consoante tais escolhas, a proposta metodológica buscou conciliar aspectos da subjetividade, com aquilo que se manifesta e é aparente na rotina do grupo de artesãos inseridos no Movimento de Economia solidária, permitindo discutir os desafios de promover o encontro desses indivíduos sob a perspectiva da gestão de relações colaborativas.

1503

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise da subjetividade como indicativo das possibilidades de gestão das relações colaborativas, no âmbito da Economia Solidária, e considerando grupos de artesanato, requer a identificação da estrutura onde essa subjetividade se faz sentir. O mundo do artífice é um mundo singular, bem diferente dos postos de trabalho, linhas e células de produção capitalistas. O universo que circunda o fazer desses profissionais costuma exibir traços ontológicos expressos em símbolos, ritos, crenças que orientam as suas ações e decisões, sejam elas no fazer profissional, no lazer ou na rotina do dia a dia.

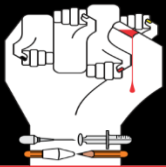
Os símbolos que compõem o imaginário dos artesãos e artesãs revelaram uma rede multicêntrica. Nesse caso, identificou-se mais de um centro de convergência das palavras a partir das diversas narrativas que compõem o levantamento de dados, bem característico de uma rede livre de escala, onde vértices maiores (*Hubs*) centralizam a disposição espacial atraindo para si os demais vértices. As primeiras palavras a comporem as narrativas dos artesãos e artesãs já revelaram um mundo simbólico permeado por imagens que evocam os fortes laços familiares envoltos no ofício que sustentam. A presença marcante da imagem da mãe, a graça da vida e a chegada dos filhos perpassam a grande maioria dos discursos, e revela, no centro dessas memórias, a condição de lar e amor incondicional por onde transita essa atividade. Num segundo nível de centralidade está a expressão “desde criança”, indicando o lugar no tempo onde surgiram os primeiros sinais da arte que acompanharia esses indivíduos ao longo das suas vidas. Para muitas pessoas a infância é o momento da vida onde a fantasia se mistura com a realidade, proporcionando sentires especiais carregados de carinho, acolhimento e aprendizado. A Figura 01 traz a rede semântica Símbolos e Mito onde é possível visualizar essas métricas.



É interessante perceber duas narrativas que permanecem periféricas, ainda que conectadas aos centros por algumas expressões em comum. Contudo, o afastamento em relação à distribuição espacial dessas palavras indica, na rede, aquilo que é diverso, no sentido de que a maioria das palavras e expressões que as compõem não integram os discursos centrais.

A rede semântica Símbolos e Mito, evidencia aspectos da subjetividade individual dentro de uma dinâmica de aproximação e diferenciação daqueles agentes. Histórias particularizadas que compõem o perfil desses artesãos e artesãs, sinalizam os limites e desafios para o fazer coletivo. As três narrativas que se posicionam de forma mais periféricas na rede, revelam perfis diferentes dos demais, ao invés de memórias da família transferindo aquele conhecimento, tem-se memórias de um aprendizado solitário e desafiante, diante de um grande desejo de dominar a arte dos trabalhos manuais; e memórias de uma arte que foi apresentada já na vida adulta, diante de uma necessidade de ocupação que pudesse acalentar um sofrimento na família. Apesar disso, todas as narrativas, estando mais centralizadas ou não, permanecem ligadas pelos vértices mais fortes (mãe, vida, filho), além do amor pela arte, admiração, paixão, o tipo de costura ou ser um lazer e um prazer.

Conforme observa Morin (2012), mitos são símbolos que ganharam narrativas, e nesse sentido, sabe-se que narrativas envolvendo trabalhos manuais, vistos enquanto ofício ou lazer, se fazem presentes na história das sociedades desde os tempos mais remotos, aparecendo em várias passagens bíblicas como o símbolo da humildade, da reverência do filho que honra o seu pai aprendendo a sua profissão. No que tange o universo masculino, José era carpinteiro, e Jesus foi reconhecido como o filho do carpinteiro. Logo, o ofício dos trabalhos manuais também evoca a imagem da Sagrada Família. E quanto às mulheres, a imagem da mulher virtuosa que honra o seu lar e seu marido, desenvolvendo habilidades manuais, também está presente no contexto dos textos bíblicos. As narrativas bíblicas fortalecem a grandeza dos trabalhos manuais que é transferido de uma geração a outra, com ênfase nas relações familiares e de sobrevivência. A simbologia envolta nas memórias dos artesãos e artesãs corrobora a reprodução do mito, e situam a habilidade com os trabalhos manuais numa perspectiva de essência de vida. Assim, conforme sugere Gonzalez Rey (2017), o pensamento simbólico continuará a se expressar através desse mito, criando padrões que se evidenciarão nas crenças, nos ritos e sistemas de valores durante a caminhada existencial desses indivíduos.



CONCLUSÃO

A formação do coletivo se dá pelo vislumbramento de ganhos conjuntos (espaço para vendas, atração de clientes, compras coletivas), porém, as bases de sustentação desses desejos se encontram na perspectiva do que está intrínseco, e se revela a partir dos símbolos, mitos e crenças que mantem os sonhos vivos, proporcionando a energia que alimenta os sonhos coletivos. Reconhecer a existência de símbolos, mitos e crenças individuais, e acolhê-las, é tão importante quanto a descoberta de desejos coletivos, pois são esses aspectos da individualidade que acompanharão os rituais e as decisões diárias de cada um na busca por resultados.

Concluiu-se pela importância de reconhecer o individual e o coletivo para a formação de estratégias de gestão das relações colaborativas, de perceber o que une e o que diferencia um grupo a partir das suas individualidades, e que o diálogo entre o individual e o coletivo transita pela harmonização dos perfis em um movimento de aceitação do outro, jamais exclusão ou padronização como se observa no mercado tradicional hegemônico. Enfim, a pesquisa comprovou o quanto de diferença existe naquilo que se quer unido, e que é no desafio de unir o díspar que acontece a transformação do indivíduo e seu grupo. É preciso caminhar pelo que une, mas sem perder de vista aquilo que os diferenciam e que reside nos aspectos das subjetividades individuais desses agentes econômicos. O desafio da gestão das relações colaborativas está em promover esse encontro através do desenvolvimento de novos instrumentos e escolha assertiva das ferramentas, na perspectiva de entrelaçar a racionalidade e subjetividade para responder aos princípios e valores do Movimento de Economia Solidária, facilitando os processos de reconhecimento de si e do outro para o fazer coletivo.

PALAVRAS – CHAVE: Economia Solidária. Subjetividade. Gestão.

REFERÊNCIAS

GONZALEZ REY, Fernando Luis. *SUBJETIVIDADE: Teoria, Epistemologia e Método*. São Paulo: Editora Alínea, 2017.

METZ, Jean. *Redes Complexas: conceitos e aplicações*. São Carlos: Instituto de Ciências, Matemática e de Computação, 2007.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.

MORIN, Edgar. *O método 3: o conhecimento do conhecimento*. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.